

O que é um milagre?¹

Olavo de Carvalho

(Transcrição: Abner Schmuller)

Como tema de hoje, gostaria de desviar um pouquinho da sequência dedicada ao assunto da paralaxe cognitiva e da mentalidade revolucionária, para dar para vocês alguns resultados de uma investigação que estou fazendo a muitos anos, que comecei a muitos anos, interrompi, agora voltei, que é a experiência sobre os fenômenos chamados miraculosos.

Essa investigação tem uma importância para a outra, a mentalidade revolucionária, por um efeito, não tanto de contraste, porque ela vai fixar a medida, o parâmetro, a fronteira, entre uma ordem de fenômenos e a outra ordem de fenômenos, mesmo porque, em toda esta efervescência da mentalidade revolucionária moderna, o ateísmo militante é um aspecto bastante importante, e ele tem se traduzido nos últimos anos por um florescimento editorial anormal, uma profusão de livros ateísticos cujo pai, ou, cuja mãe, é este de Vistor J. Stenger – *God, The Failed Hypothesis* – “Deus a hipótese falhada”. Todos os outros livros que tem aparecido, Christopher Hitchens, Sam Haris, Richard Dawkins, todos eles pegam a base no Stenger. O Dawkins reconhece, explicitamente, a dívida que ele tem para com este autor, os outros nem sempre, mas agente vê que os argumentos são mais ou menos os mesmos.

Toda esta discussão gira em torno da possibilidade de nós identificarmos, em alguns acontecimentos observáveis, uma causa sobrenatural, ou seja, uma causa de ordem não material que teria interferido nos acontecimentos. É evidente que pelos métodos científicos atualmente existentes, não há nenhuma maneira de você identificar a presença ou ausência de um elemento não material. No que quer que seja. Então, de certo modo, toda a discussão já está viciada desde a base. Especialmente, me parece danosa, prejudicial,

¹ Acesso <http://www.youtube.com/watch?v=se-HyPc--eo>, em 01 de setembro de 2013, às 17:00h. Duração do vídeo: 01h40min.29seg.

a definição inicial mesma do milagre como um fato determinado por causas sobrenaturais. Esta definição pressupõe, em primeiro lugar, que existem fatos que não tem causa sobrenatural alguma. Este pressuposto é inteiramente absurdo. Porque, se você definir a natureza como um campo que está limitado por determinadas leis, determinadas e conhecíveis, então a natureza, assim, é um sistema fechado que só pode operar dentro dos parâmetros, do modo determinado por estas leis, e neste caso, a natureza, como um todo, teria que obedecer a segunda lei da termodinâmica e que estaria em extinção perpétua.

Em contrapartida, todo mundo sabe que existem fenômenos novos, a todo momento acontecendo na natureza, o surgimento de novas estrelas ou as galáxias, e tudo isto já mostra que a “natureza”, entre aspas, não é um campo limitado, nem muito menos, definido. Quando nós usamos o termo natureza, nós, realmente, não sabemos do que estamos falando, natureza ou cosmos, nós não sabemos. Estamos querendo indicar uma realidade de extensão ilimitada, cujos limites nós não conhecemos, mas, em princípio, não é possível você fixar limites. Isso quer dizer que, para além de toda a realidade conhecida ou conhecível, existe o reino da possibilidade ilimitada. Possibilidade que só encontra limites na contradição interna, ou seja, definir como possível tudo aquilo que não tem contradição interna. E, a possibilidade ilimitada, possibilidade universal, se torna aí, mais ou menos, como um marco, dentro do qual, boiaria o conjunto que nós chamamos natureza. Se neste conjunto, neste sistema não houve, continuamente, a entrada de novas possibilidades, a natureza já estaria extinta há muito tempo. De modo que, fixar um limite entre o natural e o sobrenatural, me parece, absolutamente, inviável. Tá certo?

Ademais, essa definição, não podendo fixar os limites da natureza, o que ela faz? Ela toma os limites da ciência presentemente conhecida, como se fosse estes limites da natureza. Mas é claro que isso é procedimento meramente convencional. E como é que de uma premissa convencional, você poderia tirar conclusões aplicáveis ao mundo dos fatos? Daquilo que é convencional, você só pode tirar conclusões hipotéticas. Isto é por definição, é uma coisa de lógica elementar. Se você coloca uma premissa convencional, ela não diz

respeito aos fatos. Você pode raciocinar com base nesta premissa, mas todas as conclusões que você tirar dali, estão, já, pré-determinadas pela própria convenção. Portanto, são conclusões hipotéticas, jamais conclusões de fato.

Então, quer dizer que quando definimos um milagre como fenômeno de causa sobrenatural, nós, já de cara, entramos no reino do absurdo. Mais absurdo ainda é porque você está definindo o fenômeno pelas suas causas, ao passo que, para investigar as causas de um fenômeno, você, primeiro, tem que saber o que ele é. Se você não sabe o que é o fenômeno, se você não tem o conceito dele, não tem como você investigar as suas causas. Agora, se você já embute as causas dentro da própria definição, simplesmente não há mais o que investigar. Quer dizer, é outro erro lógico brutal. Por exemplo: nós sabemos o que é um crime. Quer dizer, sabemos o que é um homicídio. Porque nós sabemos o que é um homicídio, é que nós podemos investigar quem o praticou. Ta certo? Agora, se nós só pudéssemos definir como homicídio, um ato X ou Y, praticado por Fulano ou Ciclano, então, evidentemente, nós só poderíamos investigar um único homicídio que é este mesmo que está contido na definição.

Então, a definição de um gênero de fatos não pode ser dada pelas suas causas. A definição tem que ser dada descritivamente, de modo que você possa distinguir este gênero de fatos de outro gênero de fatos. Dada esta distinção, uma vez que você sabe o que são estes fatos, aí sim, você pode investigar quais são as suas causas.

Em terceiro lugar, existe o problema de que você dizer que uma coisa tem uma causa sobrenatural ou foi causada por Deus, realmente é não dizer absolutamente nada. Isso não é uma explicação, de maneira alguma. Explicar um fato por uma causa sobrenatural, como nós já vimos, pressupõe que há fatos de causas não sobrenaturais. Mas como, teologicamente, Deus é a causa última de tudo, causa primeira ou última de tudo o que acontece, então esta afirmação é meramente tautológica. Quer dizer que uma coisa aconteceu porque Deus quis, supõe que possa acontecer coisas que Deus não quer. O que é contraditório com a própria definição de Deus como onipotente, como causa primeira. Então, não entendo

como se pode fazer uma investigação científica partindo de uma base lógica tão errada, tanto da parte daqueles que aceitam a existência do miraculoso, como da parte daqueles que não aceitam. Agora, porque estas dificuldades que acabei de colocar, elas raramente, ou nunca, aparecem para os debatedores do assunto? Elas não aparecem pela seguinte razão: quando se quer investigar se um fato foi miraculoso ou não, a primeira coisa que se faz é classificar este fato dentro de uma ordem de outros fatos semelhantes cuja origem é tida como não miraculosa. Por exemplo, o sujeito que curou de câncer. Primeiro se enquadra o fato em que se diz: “Tem-se aqui o seu fulano que foi curado miraculosamente...”, mas, existe uma série de pessoas que foram curadas do câncer por maneiras não miraculosas. Você, primeiro, enquadra este fato particular dentro da classe geral chamada “cura do câncer” e, em seguida, você vai investigar se esta cura em particular teve origem sobrenatural ou não. Com isto, o fato miraculoso já está definido previamente como não miraculoso, porque você já o colocou dentro de uma classe de fenômenos similares. E estes fenômenos similares já são explicáveis por outros meios. Se você fez isso e em seguida você procura uma causa miraculosa para este fato, é a mesma coisa que você procurar algo que você já definiu que não pode estar lá. Quer dizer: além de você ter um impedimento metodológico com o fato de que as ciências naturais, atualmente praticadas, já operam dentro de limites definidos por elas mesmas, na qual só aquilo que é mensurável ou, portanto, “material”, entre aspas, pode ser observado, além de você ter essa dificuldade metodológica, você tem uma dificuldade lógica intrínseca. Você já classificou o fato dentro de uma espécie que está, por definição, excluída deste tipo de investigação. É claro que isto aí dificultará enormemente a continuação da investigação.

Quer dizer: as curas miraculosas são invocadas como um subconjunto do conjunto “curas”. O conjunto “curas” não é definido pela intervenção de nenhum elemento miraculoso. Então, quer dizer: o fato miraculoso nesta perspectiva, é um fato banal como outro qualquer, com a diferença que haveria ou não haveria a intervenção de um elemento miraculoso. Quer dizer: o milagre, aí no caso, é amputado das próprias características que o diferencia dos

outros fatos. Nesta perspectiva, a única diferença que existe entre um fato miraculoso e um fato não miraculoso, seria uma causa, quer dizer, a diferença estaria na causa e não no fenômeno mesmo. Mas, se o fenômeno pertence à mesma ordem dos outros fenômenos, é quase impossível você identificar para ele uma causa diferente daquela que foi assinalada para todos os demais fenômenos da mesma espécie. Ou seja, este tipo de discussão geralmente ocorre dentro de uma atmosfera de confusão mental quase psicótica.

Então, o que teríamos que fazer da maneira mais lógica ou menos infame de investigar este fenômeno, partindo do princípio de que nós não tivemos nenhuma revelação direta que nos esclareça o fenômeno, quer dizer, partindo da premissa de que nós podemos investigar somente com as nossas luzes naturais, ainda que com o apoio do Espírito Santo, mas sem uma revelação especial, o que nós teríamos que fazer é o seguinte: em primeiro lugar temos que ver o que é que nós estamos investigando. Isto quer dizer que nós tínhamos que tentar delimitar o fenômeno miraculoso pelas suas características próprias e independentemente das causas, porque as causas já seriam a explicação do fenômeno. E como podemos encontrar uma explicação para algo que nós nem sabemos o que é? Isto quer dizer que toda investigação do miraculoso tem consistido exatamente nisto, quer dizer, você vai investigar as causas de uma coisa que você não sabe o que é e que, de antemão, você já definiu pela presença destas mesmas causas. Tá certo?

Então, se nós examinarmos, não superficialmente, um único fenômeno reconhecido pela Igreja, e nós temos que delimitar o terreno para evitar outras dificuldades, e é claro que existe inumeráveis milagres que a Igreja não reconheceu e nem ficou sabendo, mas se tomarmos aqueles que são reconhecidos pela Igreja como miraculosos, nós vamos observar neles algumas características que os distinguem de quaisquer outros fatos, isolada a hipótese de uma causa natural. Ou seja, nós não precisamos as causas. Ou o fenômeno tem um elemento distintivo em si mesmo, independentemente da consideração das suas causas, ou então, não há sequer uma razão para investigar os fenômenos miraculosos uma vez que, neste caso, não se distinguiriam de nenhum outro fato não miraculoso. Quer dizer, se existe uma razão para investigar os fatos

miraculosos, é porque há neles algum traço que já os distingue, independentemente de você conhecer, ou não conhecer, as causas. Por exemplo, vamos tomar o milagre mais inquestionável dos últimos tempos, que é o milagre de Fátima, que eu mesmo estudei muito superficialmente. A primeira coisa que vocês vão notar é que este milagre não é composto de um fato, quer dizer, não é um fato atomístico, como por exemplo: ‘o senhor Fulano de Tal que estava com a doença tal e, de repente, acordou sem aquela doença’. Isto seria um fato considerado atomístico, um fato isolado. Ele pode ser considerado em si mesmo. O que aconteceu em Fátima não foi um acontecimento, mas uma sequência de acontecimentos interligados e pertencentes a muitas espécies de planos de realidades diferentes. Tá certo? Primeiro o fato de que três crianças, ao mesmo tempo, tinham exatamente a mesma visão, até com data marcada. Quer dizer, Nossa Senhora marcava a data em que iria aparecer, e elas iam ali e Ela estava ali. Segundo lugar, o fato de que as três crianças viam e ouviam, quer dizer, uma só ouvia, aliás, uma só via, as outras duas só ouviam exatamente a mesma coisa. Quer dizer, as palavras eram exatamente as mesmas. Em segundo lugar, esta visão trazia dentro de si uma série de profecias, anúncios de coisas que iriam acontecer num prazo determinado e marcadas por determinados sinais, como por exemplo, a eclosão de uma guerra em escala mundial...

(problema técnico!)

O que eu estava dizendo, vou tentar repetir!

É que se nós queremos fazer uma investigação séria a respeito dos fenômenos do milagres, a primeira coisa que temos que fazer é verificar se existe neles algum traço distintivo que permita catalogá-los dentro de uma classe específica, sem ter que apelar para a hipótese de suas causas, ou seja, a delimitação do fenômeno, em qualquer ciência, a delimitação do fenômeno tem que ser anterior à investigação das suas causas. Não é isto? Se nós não sabemos o “o quê”, muito menos podemos saber o “porquê”. Quer dizer, a causa de um fenômeno não pode entrar na sua definição antecipadamente. Então, o que nós teríamos que fazer, em primeiro lugar, seria uma espécie de fenomenologia do fato miraculoso, na qual nós encontrássemos os caracteres distintivos, e os encontrasse de uma

maneira puramente descritiva, os aspectos, quer dizer, os traços distintivos que nos permitisse, então, diferenciá-los de outras ordens de fatos. Se nós jamais encontrássemos esses caracteres, então, não seria possível isolar um grupo de fenômenos, como fenômenos supostamente miraculosos, e nós, então, não teríamos como investigar as suas causas. Se os fenômenos miraculosos já são enquadrados antecipadamente dentro da ordem de fenômenos não miraculosos, não faz sentido você procurar uma causa miraculosa para eles. E, por outro lado, se você os define já, segundo, não por uma característica deles mesmo, mas os define por uma causa, então, aquilo que você estava querendo investigar, que é a presença ou ausência de uma causa miraculosa, já está pressuposta na própria definição. Quer dizer, então, esta discussão toda é erro lógico encima de erro lógico.

O que temos que fazer é investigar se os fenômenos, a ordem dos fenômenos tidos como miraculosos, possui alguns traços distintivos que nós possamos captar descritivamente, não explicativamente. Aí, isolaríamos esse conjunto de fenômenos de quaisquer outros fenômenos. Se tornariam perfeitamente distintos. Uma vez distintos, nós poderíamos, então, aí sim, investigar as suas causas.

Dentro desta abordagem, necessariamente superficial, que iremos fazer nesta aula, eu ia sugerir que nós examinássemos um fato específico que é reconhecido pela Igreja como fato de ordem miraculosa, porque, claro que acontecem milhões de milagres que não são reconhecidos pela Igreja, e que a Igreja nem fica sabendo. Mas, para evitar maiores dificuldades metodológicas, nós vamos estudar somente aqueles que são aceitos pela Igreja como fatos de ordem miraculosa. E, dentre eles, o mais notável, evidentemente, é o milagre de Fátima. A primeira coisa que você vai notar no milagre de Fátima é que ele não é um acontecimento singular, um acontecimento isolado, um acontecimento atomístico. Quer dizer, uma coisa que acontece num lugar e num determinado momento, ele é uma sequência, quase um sistema de fatos que aparece de maneira interligada e inseparável. Se você tirar um elemento dali, a história já fica sem sentido. Esse fenômeno começa a acontecer quando três crianças tem uma visão da Virgem Maria, a qual, lhes transmite, Ela marca vários encontros com eles e volta nas datas

certas e as três crianças vão lá e recebem a mesma mensagem. E esta mensagem contém algumas profecias, com a data aproximativa do que vai acontecer e quais são os sinais que permitiriam identificar esses fatos, logo antes de eles acontecerem, como dentre outros fatos que foram ali anunciados, a guerra mundial, a guerra de 1914 que, disse a Virgem Maria, seria anunciada pelo surgimento de uma estranha luz no céu. O que, de fato, aconteceu pouco antes da eclosão da guerra, houve em plena Europa ocidental um fenômeno como se fosse o da aurora boreal, quer dizer, uma coisa que só se vê no pólo. E, logo em seguida, veio a eclosão da guerra. Um outro fenômeno foi a revolução comunista na Rússia e, vamos dizer, um outro ainda mais recente é a apostasia geral no mundo cristão, isto é, a debandada dos cristãos, a entrada do elemento, a traição mesmo nas altas esferas da Igreja, e isso aconteceu.

Ao mesmo tempo, houve, na data marcada por Nossa Senhora, um acontecimento astronômico extraordinário chamado “dança do Sol”, com o Sol se movendo no céu diante de milhares de pessoas que estavam ali observando. E, ao mesmo tempo, houve uma explosão de curas miraculosas nas pessoas doentes que estavam ali presentes e outras que estavam nas redondezas. O fenômeno da dança do Sol foi visto não só por aqueles que estavam presentes no local, mas por pessoas que estavam a muitos quilômetros de distância e que não sabiam que estava acontecendo aquele encontro das crianças, da multidão, com Nossa Senhora naquele momento.

E olha, este conjunto é que se chama o milagre de Fátima. Não é uma coisa, ou outra coisa. Certo? Qualquer elemento daí, que você isolasse, poderia ser catalogado dentro de uma ciência em especial e estudado pelos métodos dela. Mas esse conjunto é inacessível à totalidade das ciências. Por quê? Porque esse conjunto é aquilo que nós chamamos de fato concreto. Na verdade, não é nem um fato concreto. É uma sucessão concreta de fatos. A sucessão concreta é no sentido de que todos eles evoluem juntos, um leva a outro, outro leva a um, um é anunciado de antemão, um traz, vamos dizer, dentro de si a semente do outro, que por sua vez o elucida retroativamente.

Então, pergunto eu: existe alguma ciência capaz de investigar as relações entre um fenômeno astronômico, como a “dança do sol”, as

curas miraculosas, as causas da primeira guerra, as causas da revolução russa, o fenômeno da luz que apareceu no céu, logo antes da guerra, e a capacidade, ou não capacidade, que três crianças têm de ter uma visão de Nossa Senhora? Existe alguma ciência que possa estudar isso? É claro que não! Este fenômeno não é acessível aos métodos de nenhuma ciência. E é isto que o torna miraculoso. Nós não precisamos, vamos dizer, apelar à explicação de causas sobrenaturais. Nós não temos a menor idéia do que causou tudo isso. E não precisamos ter! O fenômeno é miraculoso em si mesmo, ou seja, ele pela sua própria estrutura e constituição interna, ele escapa à possibilidade de ser apreendido explicativamente pelos meios humanos de conhecimento. Nós não somos capazes, sequer, de conceber uma ciência que conecte explicativamente todas essas ordens de fenômenos ao mesmo tempo! Isso, simplesmente, para a inteligência humana, uma “superciência”, que seria uma espécie de, que misturaria ali astronomia, astrologia, história, patologia, fisiologia, tudo isto junto?! Para explicar o milagre de Fátima, precisaríamos de uma ciência capaz de penetrar, não nos fatos que são próprios de cada ciência, quer dizer, em fatos selecionados abstrativamente, de acordo com suas características essenciais, ou seja, fatos abstrativamente selecionados, mas uma ciência capaz de explicar o fato concreto.

Ora, nós vimos em algumas aulas atrás, que não existe ciência do fato concreto e não pode existir. Ciência de nenhum fato concreto! Se você pegar um fato simples, por exemplo, um sujeito que matou o outro na esquina: você pode decompor esse fenômeno em vários aspectos, e você terá várias ciências que estudam estes aspectos separativamente. Mas não tem nenhuma ciência que os junte, que possa juntá-los. Claro, você pode juntar esses vários conhecimentos numa técnica. Essa técnica é a técnica policial! Mas, quando eu digo juntar, estou falando juntar no sentido científico, isto é, você vai encontrar um princípio explicativo comum para todos os aspectos do fenômeno. Não pode haver isso! Não há princípios comuns entre um fenômeno astronômico e as causas de uma guerra. Mesmo supondo-se que você acredite em astrologia, os astrólogos, que por milênios estudam isso, são capazes de assinalar, às vezes, algumas coincidências entre um fato astronômico e um fato histórico

terrestre. Mas é só uma coincidência. Eles não em nenhuma explicação disto. Agora, se você não acredita em astrologia, então pirou ainda. Aí você não tem nem isto. Está certo?

Nós vimos num exemplo que eu dei aqui, numa aula que nós tivemos aqui, eu defini o fato concreto como um fato considerado na convergência sucessiva e simultânea de todos os acidentes necessários para que ele se produza. Por que, se faltar um único acidente, o fato não se produz. Então, por exemplo, o sujeito matou o outro e tinha um motivo para matar o outro. Ou ele matou para assaltá-lo, ou ele matou por algum motivo passional, por causa de ciúme, ou matou por algum interesse, por alguma vingança... Tem algum motivo. Esse motivo pode ser rastreado na história dos dois, e, vamos dizer, descrito psicologicamente. Mas por outro lado, o sujeito usou um instrumento qualquer, vamos supor que ele deu um tiro na cabeça do outro. E, na hora que ele deu um tiro, o projétil percorre um determinado trajeto e atinge a cabeça do cidadão com um determinado impacto. Esse trajeto e esse impacto são determinados por certas leis físicas. Existe um princípio explicativo comum entre a causa do crime e o trajeto do projétil? Não, não tem! Existe apenas, vamos dizer, a convergência de duas linhas de causas absolutamente independentes, ou seja, considerada cientificamente, estas causas são independentes e, por isso mesmo, elas são estudadas por ciências distintas. Mas na ordem do fato concreto, elas não são independentes, porque, justamente, é a convergência delas que determina o fato. Se acontecesse só uma delas, sem a outra, o crime não aconteceria. Ou seja, se existe a causa do crime, e nós a conhecemos perfeitamente, se nós investigamos o criminoso e ele mesmo confessou, se nós sabemos perfeitamente a causa do crime, mas o trajeto da bala é outro, a bala acerta na parede e a vítima continua viva, e nós não temos nenhum meio de conectar, na esfera causal, uma coisa e a outra. Ou seja, considerado no campo das ciências atualmente existentes, a causa do crime e o trajeto da bala não são conectáveis racionalmente. Eles só são conectáveis acidentalmente. Existe uma ciência da acidentalidade? Por definição, não!

Ora, o fenômeno miraculoso, como qualquer outro fenômeno não miraculoso, ele é sempre um fato concreto. E, o fato concreto é,

justamente, composto de uma multidão de acidentes, vamos dizer assim, que não tem conexão lógica uns com os outros. Tem conexão factual, tem conexão accidental, por assim dizer, e não há ciência das conexões accidentais entre milhares de linhas causais independentes.

Ora, o fenômeno miraculoso se distingue do outro fenômeno, justamente, pelo tipo de confluência que acontece entre as várias linhas causais, e não pela presença de uma causa em particular. Está compreendendo? Então, o fenômeno miraculoso se dá, precisamente, de um modo que essas conexões accidentais já estão à mostra, por assim dizer, no próprio fato central do conjunto miraculoso. Quer dizer, quem conectou essas várias ordens de fenômenos? Quem conectou a “dança do sol”, com a eclosão da Primeira Guerra, com a revolução russa, as curas miraculosas? Foi a própria Nossa Senhora! Ela disse que isso ia acontecer e era Ela que estava fazendo. Ou seja, as conexões entre as linhas de causalidade, acidentalmente, aliás, as várias linhas de accidentalidade e de causalidade presentes, já estão elucidadas, já estão, como é que se diz?, postas à mostra no próprio fenômeno. Quer dizer, o fenômeno, de certa maneira, ele tem uma translucidez que o fenômeno comum não possui. É como se algo, da própria estrutura da realidade, se mostrasse ali de uma maneira simultânea que não pode aparecer, nem nos fenômenos da vida diária, nem nos fenômenos investigados pelas chamadas ciências.

Ou seja, o fato no qual nós não conseguimos identificar a clareza da conexão na própria estrutura do fato, sem considerar as causas, tem que ser excluída da ordem miraculosa. Por exemplo, vocês vejam esses famosos milagres do Padre Pio (de Pietrelcina). Um dos mais famosos, foi o seguinte: durante a guerra (2ª G.M) havia um acampamento alemão numa determinada cidadezinha da Itália, Pietrelcina, e soldados americanos, da aviação americana, foram mandados lá para bombardear aquele lugar. Só que, acontece que junto com o acampamento tinha a cidade também. E quando estavam se aproximando da cidade, o comandante da esquadrilha americana, cujo nome me esqueço agora, mas, talvez, depois eu possa investigar, ele viu um frade voando na frente do avião e gesticulando como que se indicasse que as bombas deveriam ser jogadas em um outro lugar. E, as bombas, de fato, foram cair todas

em um outro lugar e não acertaram a cidade. Esse capitão ficou muito impressionado com a coisa e anos depois ele voltou à mesma cidade, e entrou numa Igreja e a primeira pessoa ele encontrou foi, justamente, aquele monge que estava voando. E o monge virou para ele e pergunta assim: *“Ah! Era você que estava jogando bomba na gente?”*

Ora, este é um fato muito menos complexo do o milagre de Fátima. Mas, neste mesmo momento, ele já conecta uma infinidade de linhas causais que são absolutamente diferentes, irreduzíveis à qualquer ciência possível. Por exemplo, nós poderíamos investigar, vamos dizer, “cientificamente”, entre aspas, as causas da visão que o piloto do avião teve. Mas, nós não teríamos como explicar o fato de que o objeto dessa visão existia realmente. Nem, muito menos, o fato de que ele seria encontrado anos depois pelo mesmo sujeito que teve a visão. E, muito menos, que este objeto da visão, que era o Padre Pio, fosse portador da informação de que o outro o viu. Estes casos de visão mútua foram muito comuns na vida do Padre Pio. O sujeito que sonhava com ele e, ao mesmo tempo, ele sabia que o sujeito tinha sonhado com ele. Houve um outro caso, também, de um sujeito que batia muito na mulher e que uma noite ele viu um monge sacudindo a cama dele. E daí, depois, ele viu uma foto do Padre Pio e disse: *“Ah! Foi esse aqui que estava lá sacudindo a minha cama...”*, e foi procurar o Padre Pio, e o Padre Pio disse: *“Era eu mesmo que estava lá!”*. Estes casos (são), vamos dizer, de visão mútua. Quer dizer, alguém é visto no sonho e, naquele mesmo momento, sabe que está sendo visto no sonho.

Então, não existe nenhum método científico possível que permita conectar essas várias linhas de causas. Quer dizer, uma ciência começa na hora em que você consegue delimitar um certo campo de conhecimentos que é acessível à uma metodologia já determinada de antemão, porque é a metodologia que vai determinar os critérios de observação e de prova que são admissíveis para aquele campo em particular, de modo que, se o objeto não está suficientemente delimitado pelas suas características descritivamente, não é possível começar a ciência. Quer dizer, se o campo de uma ciência está demasiado interpenetrado por outros campos, você não consegue desenvolver a metodologia própria, portanto, você não consegue

criar as ciências. Portanto, a possibilidade da existência de uma ciência repousa na possibilidade de isolamento abstrativo de um certo aspecto da realidade que, por esta ciência, só será encarado sob aquele aspecto específico. Claro que, depois, você pode tentar articular isto com os resultados de outras ciências. Mas, com frequência, esta simples articulação supõe o surgimento de uma terceira ciência. Agora, uma ciência capaz de articular simultaneamente todos os aspectos da realidade, ou seja, uma ciência capaz de estudar o fato concreto não existe. E o fato miraculoso se distingue do outro já na ordem mesma dos fatos concretos, independentemente da consideração das suas causas. Eu espero que isto esteja ficando claro. Por exemplo: o fato da moça italiana que nasceu sem pupilas e que aos sete anos de idade foi curada pelo Padre Pio. O Padre Pio não fez aparecer pupilas nela. Ela continua tão sem pupilas quanto antes, mas enxerga como nós. Quer dizer, como é que você vai estudar cientificamente este fato? A possibilidade de enxergar sem pupilas, cientificamente, é nula. Então, você não tem por onde começar a estudar. Você não tem por onde pegar o fato. Você pode tentar decompô-lo em mil aspectos, mas você jamais explicará porque aquilo aconteceu naquele momento.

Então, vamos dizer que a expressão “causa natural”, “causa sobrenatural”, “causa sobrenatural”, não faz parte da definição do fato miraculoso. Faz parte da sua tentativa de explicação. Mas, como eu disse você pode explicar um fato por causas sobrenaturais, não é explica-lo, de maneira alguma, porque é (o mesmo) que você dizer que ele aconteceu por Deus quis. Mas, se você é religioso, acabou de dizer, também, que Deus causa tudo o que acontece. Então, se Deus causa tudo, então não é de estranhar que Ele tenha causado mais alguma coisa. Isto aí não é uma explicação válida, de maneira alguma. Você teria que explicar qual o diferente percurso que Deus usou para causar este fenômeno, (ou) outro percurso que Ele usa para causar outros fenômenos. Então, no caso, se diz: *ele usou de meios naturais e em outro caso de meios sobrenaturais*. Mas, acontece que nós não sabemos onde começa uma dessas coisas e onde termina a outra.

Além disso, qualquer fato da ordem natural, pelo simples fato de que ele tenha acontecido, ele pressupõe a ordem sobrenatural, ou seja, a ordem da possibilidade universal. A possibilidade universal não pode ser explicada por nenhum estudo da factualidade atualmente existente.

A possibilidade universal é um pressuposto da existência, do que quer que seja, e também é um pressuposto da sua abordagem científica. Note bem, a ciência da lógica, ela não lida com fatos, não lida com coisas reais. Ela lida, apenas, com a estrutura da possibilidade.

Por outro lado, o que fazem as ciências? As ciências partem de certos fatos, observados, e buscam para eles uma explicação ou uma descrição, uma articulação racional. O que é você estudar cientificamente um fato observado? É você enquadrar um fato real dentro da ordem da possibilidade, dentro da estrutura da possibilidade, ou seja, a existência da estrutura da possibilidade é um pressuposto da própria atividade científica. Mas a estrutura da possibilidade é independente da existência de quaisquer fatos reais. Vamos dizer, as leis de lógica elementar, assim como as leis da aritmética elementar, elas são independentes, até mesmo, da existência do cosmos. Quer dizer, o fato de que $1+1$ dá 2 é independente da existência do universo inteiro. Em quaisquer universos existentes, $1+1$ tem que dar 2 , necessariamente. Então quer dizer que a estrutura da lógica, a estrutura da aritmética elementar, são a estrutura da possibilidade universal. A possibilidade universal é, exatamente, aquilo que teologicamente é a onipotência divina. Nós sabemos que, na realidade, no cosmos efetivamente existente, nem todas as possibilidades se realizam. Nós dizíamos que nem tudo que é possível se realiza, mas, nós também sabemos que tudo aquilo que acontece, tudo aquilo que se realiza, é possível.

Então, o que é que faz a ciência? Dar uma explicação lógica para o fato é enquadrar esse fato dentro da ordem da possibilidade, dentro da estrutura da possibilidade. Quer dizer, os fatos, o mundo da pura experiência, o mundo empírico, em si, ele é opaco. Ele só se torna inteligível, racionalmente, na hora em que você o enquadra dentro

da possibilidade. Quando você conecta, diz que uma coisa foi causada por outra, você está conectando a ordem factual com a ordem causal. O que é a ordem causal? É a estrutura da possibilidade.

Ora, a estrutura da possibilidade universal é independente e prévia. A qualquer acontecimento que seja. Ela é eterna, por assim dizer. Então isso quer dizer que se não existisse a estrutura da possibilidade, nenhum estudo científico, do que quer se seja, seria jamais possível. Nós ficaríamos, mais ou menos, como bichinhos que recebem fatos, mas não tem a sua conexão lógica. Pode ter conexão lógica atomística, mas não pode ter um sistema, uma estrutura de explicação racional, como nós temos. Esta estrutura, não é outra coisa que não a própria ordem, a própria ordem da possibilidade, não considerada a totalidade, que para nós é impossível, mas considerado dentro de certos limites que nos são acessíveis.

Ora, quando nós pegamos um fato tido como miraculoso e o enquadramos dentro de uma ordem de fatos não miraculosos, e dizemos que eles só se distinguem dos outros pela interferência de uma causa, isso quer dizer que uma causa diferente teria provocado, exatamente, a mesma coisa. Ou seja, a cura do câncer. Temos aqui duas pessoas que tem câncer e uma que curou por meios bioquímicos e conhecidos, e outra que foi curado miraculosamente. Num caso, o fator interveniente foi a medicina. No outro, teria sido Deus. Ou seja, a causa natural e a causa sobrenatural provocaram, exatamente, a mesma coisa. Quer dizer, em primeiro lugar se deveria nos explicar como é que causas, especificamente diferentes, podem provocar, exatamente, a mesma coisa? Este tipo de estudo é absolutamente inviável. Por isso é que eu digo que teríamos que começar por uma fenomenologia do fato miraculoso. O fato miraculoso, então, teria que ser diferenciado dos demais fatos, pela sua própria estrutura visível, independentemente da consideração das suas causas.

Ora, quando que nós encontraremos uma explicação científica da causa do fenômeno miraculoso? Jamais, jamais, jamais... Isso, não por uma limitação do nosso conhecimento, por sua própria estrutura e pela estrutura daquilo que nós chamamos ciência. Se não há a

ciência do fato concreto, e o fato miraculoso só se distingue dos outros, justamente, pela sua estrutura enquanto fato concreto, isto está eternamente fora do domínio da ciência.

Em terceiro lugar, o fato miraculoso, ele, embora não seja acessível a uma explicação para nós, ele traz, imediatamente, na sua própria presença, ele mostra a conexão entre ordens de causas, cuja conexão nós não podemos enxergar normalmente. Então, de certo modo, ele tem uma inteligibilidade própria, que os fatos não miraculosos não tem. Por exemplo, quando no milagre de Fátima a visão que as crianças tiveram, as curas miraculosas, a luz aparecida no céu, a dança do Sol, a revolução russa, a primeira guerra, tudo isto, aparece mostrado como portador de conexões internas. Conexões internas que, normalmente nós não vemos. Isto quer dizer que o evento miraculoso, ele não pode ser explicado em si mesmo, mas ele, por si mesmo, e na sua própria estrutura material, ele lança uma luz sobre as conexões causais que, normalmente, nós não enxergamos. Então, de certa maneira, ele, não podendo ser explicado, ele tem uma força, não digo explicativa, mas uma força iluminativa que nos permite, em seguida, enxergar conexões que antes nós não enxergávamos. Então, nesse sentido, o fato miraculoso tem a estrutura daquilo que em outros domínios se chama símbolo. O símbolo foi definido pela filósofa Susanne K. Langer, que é uma dos melhores estudiosos em sua área, como matrizes de intelecções, ou seja, um símbolo é algo que você não entende em si mesmo, mas que ajuda você a entender uma série de outras coisas. Por exemplo, as narrativas Bíblicas. Muitas vezes você não entende o que está se passando ali, mas depois, quando você começa a encontrar na vida real, análogos daqueles fatos, estes, segundo os fatos observados, se tornam inteligíveis graças à força unificante dos símbolos que os reúne, que reúne os vários fatos dentro de uma espécie condensada naquele símbolo. E é exatamente isto que o fato miraculoso faz. Você não o entende, mas ele lança uma luz sob inumeráveis conexões causais, que normalmente não nos são visíveis. E esta é uma característica própria do fato miraculoso. É claro que todo fenômeno, qualquer fenômeno, encarado de uma certa maneira, pode ser simbólico, mas o fato tido como tido como miraculoso ele já tem uma estrutura simbólica em si mesmo e ele é inseparável deste estrutura simbólica.

Esta inseparabilidade da presença do fenômeno do seu caráter simbólico, este, é o caráter distintivo do fenômeno miraculoso. Ou seja, em primeira instância não é o milagre que tem que ser entendido, mas é o resto que tem que ser entendido à luz daquele milagre. Todo e qualquer fato pode ser encarado simbolicamente ou não, mas o milagre tem de ser. Ele não admite ser encarado de outra maneira. Por quê? Porque é da natureza dele mostrar fisicamente a conexão entre ordens causais cuja conexão, normalmente, não nos aparece. Isto é exatamente o que faz o símbolo. Estão compreendendo isto? Visto desta maneira, o fato miraculoso não tem que ser explicado, porque ele é a raiz das explicações. Ele lança luz sob o resto. E ele se chama milagre, *miraculum* é exatamente por isto: uma coisa que é digna de olhada, de ser contemplada.

Então, ao milagre se aplica aquilo que Aristóteles dizia dos ritos de mistérios, de um modo geral, ele dizia: eles, nada nos ensinam, mas eles deixam em nós uma profunda impressão que age, por assim dizer, não estou usando as palavras de Aristóteles, agem vitaminicamente sobre nossa inteligência. Ele estava enunciando, antecipadamente, o que a Susanne K. Langer diria do símbolo como matriz intelectual. Um milagre não é aquilo que é para ser explicado em si, mas para ser contemplado, diferenciado dos outros fenômenos, evidentemente, e usado em seguida como matriz para o entendimento de muita coisa que aconteceu em seguida, ou que acontece simultaneamente. Isso quer dizer, o fenômeno miraculoso tem características que nenhum outro fenômeno tem. Uma destas características é que ele não pode ser compreendido em si mesmo, ele não pode ser abarcado em si mesmo, mas ele lança uma luz sobre outros fatos. Esse é o verdadeiro critério do estudo dos fatos miraculosos.

Aqui tem um monte de perguntas...

(Pergunta do aluno:) O senhor falou de uma grande apostasia que ocorreria na Igreja e que estaria contida no terceiro segredo de Fátima, conforme afirma um jornalista italiano em um livro editado há uns dois anos na Itália, cujo nome não me lembro, do qual há uma resenha escrita no site do Orlando Fedeli. No entanto, a Igreja nunca confirmou estas informações...

É claro não confirmou, mas a existência da apostasia, me parece que é uma coisa evidente, é um fenômeno que estatisticamente você comprova. As pessoas que estão debandando, abandonando a Igreja, por tudo quanto é lado. Isso aconteceu mesmo. Acho que agora parou de acontecer. Está havendo um retorno. Mas que aconteceu, aconteceu. E houve a traição interna. O fenômeno do Concílio Vaticano II, simplesmente não é possível negar o escândalo do que aconteceu no Concílio Vaticano II, vamos dizer, em que o Vaticano negocia com o governo comunista. Por causa da presença de dois, ou três bispos ortodoxos, ou seja, bispos de uma Igreja não Católica. Por causa da presença de três não Católicos, a Igreja se compromete a não falar do comunismo durante todo o Concílio Vaticano II. O comunismo foi o fenômeno mais importante do século XX, e em todas as atas do Concílio, você procura, e não encontra a palavra “comunismo” como se não tivesse acontecido. É claro que isso é uma gigantesca mentira, isso é uma gigantesca farsa. Se isto já não é a apostasia, não sei o que é.

Ah, olha aqui, uma pergunta interessante...

(Intervenção do aluno:) Um usual argumento dos ateus acerca dos fatos miraculosos é o seguinte: os antigos entendiam ser e fato miraculosos como meros fatos naturais divinizados, assim o Sol seria um deus para os egípcios, apesar de ser apenas uma estrela após o aumento da compreensão humana pela ciência. Desta forma, diz que acreditar em fatos miraculosos seria apenas uma ignorância do homem contemporâneo e da nossa incapacidade de compreender ainda o que seja este fenômeno.

Muito bem, é exatamente isso que acabei de explicar. Qualquer fato pode ser encarado simbolicamente. E, uma vez encarado simbolicamente, você pode dar a ele uma característica divina. Qualquer fato pode ser símbolo da divindade. Mas o fato miraculoso é exatamente aquilo que não tem como não ser simbólico, porque, ele, por si mesmo, e não por fruto da nossa ignorância, não pode ser objeto de explicação, somente de descrição. Estão compreendendo? Porque, primeiro: o fato miraculoso não é um fato, é uma convergência de fatos; segundo: não há, e não pode haver ciência que explique estas convergências – isto é incompatível com o

próprio método científico admitido há quatrocentos anos; terceiro: o fato miraculoso mostra conexões que não poderiam aparecer de outro modo – se existe, durante uma visão que milhares de pessoas tem ao mesmo tempo, acontecem inúmeras curas miraculosas ali e em volta, em outras pessoas que não estão assistindo o fenômeno, que não estão tendo a visão de Nossa Senhora, mas que de longe vêem a dança do Sol, também entre estas pessoas acontecem as curas, e, ao mesmo tempo, a profecia ali anunciada se cumpre no prazo devido, com os sinais anunciados, é claro que todas estas linhas causais imensamente diferentes, estão conectadas naquele momento pela aparição de Nossa Senhora. Isto pode ser objeto de estudo científico, tal como eu estou fazendo aqui. Este é o estudo científico que pode ser feito disto. Raciocine um pouco! Não pode haver estudo científico de um fenômeno se você não tem a descrição dele, e a descrição é o que eu estou fazendo. E, tão logo você fez a descrição cientificamente válida, logicamente defensável, sensata, do fenômeno, você entende que ele não pode ser referido à nenhuma causa. Nem mesmo sobrenatural, porque explicá-lo por causas sobrenaturais, primeiro: não seria explicá-lo. Visto de outro modo, o fenômeno miraculoso, não é que ele tenha uma causa sobrenatural, ele é sobrenatural. Ele é um momento em que a dimensão da possibilidade universal se abre e aparece parcialmente para nós. E, por isso mesmo, na possibilidade universal, no plano da possibilidade universal, todas essas linhas causais que, normalmente, nos são inacessíveis, todas elas estão dadas lá simultaneamente. E nós entrevemos um pouco dessas ligações. O fato miraculoso nos elucida, nos lança uma luz, torna inteligíveis certas ligações que normalmente nós não veríamos. Existem duas atitudes perante isto: se você encara o fenômeno miraculoso como algo que deve ser contemplado e que deve, portanto, fecundar a sua inteligência, você começa a entender uma série de coisas no entorno. Agora, se você coloca entre você e o fenômeno miraculoso uma distância, se tenta transformá-lo em um objeto de estudo, você se priva da força fecundante que ele está lançando sobre a sua inteligência. É como o sujeito se emburrecer para estudar a inteligência, ou arrancar a própria cabeça para estudar a fisiologia cerebral. Isto não faz sentido.

Alguém pergunta...

(Pergunta do aluno:) Sócrates não contestou a mitologia grega e por isso foi condenado à morte?

Sócrates jamais contestou a religião Grega. Nem por um único instante.

Alguém pergunta se vale perguntas sobre as aulas passadas. Vale.

(Pergunta do aluno:) O senhor não pensa em derivar dos seus estudos sobre a paralaxe cognitiva as consequências clínicas e pedagógicas?

Certamente penso!

(Pergunta do aluno:) Existe alguma medida profilática contra a paralaxe, algo como a introspecção metódica proposta por Paul Diel?

Certamente existe e este é um campo maravilhoso de estudo!

(Pergunta do aluno:) O senhor poderia dar dicas de leituras sobre a psicologia da vocação e a formação volitiva intelectual?

Em primeiro lugar o livro do Sertillanges. “La Vie Intellectuelle” de A. G. Sertillanges e o outro, “Le Travail Intellectuel” do Jean Guilton. Isso aí tem que ler. Depois eu passo os títulos direitinho. Isso aí tem que ler. Aliás, estou publicando esta semana, no Diário do Comércio, uma breve resenha do livro do Eric Voegelin “Reflexões Autobiográficas”, dizendo que este livro é o complemento natural inverso do livro do Sertillanges. O Sertillanges mostra ali os princípios, os métodos da vida intelectual e o Eric Voegelin, já na velhice, contando como foi a sua formação, a formação que ele adquiriu por vontade própria, através do projeto que ele fez tão logo ele captou a ordem dos problemas que ele queria investigar pelo resto da vida, ele foi buscando os conhecimentos necessários para chegar onde ele queria chegar. Então, você tem num lado os princípios e métodos e do outro você tem um exemplo concreto de uma vida intelectual extremamente bem sucedida. Eu sugeriria que você lesse este dois livros, um depois do outro, e você vai ver que Voegelin fez exatamente a receita do Sertillanges.

Mas, voltando aqui aos fatos naturais divinizados, qualquer fato podendo ser encarado na ordem simbólica, qualquer fato pode ser, também, mitologizado. Qualquer fato, por mínimo que seja, pode ser encarado dentro da escala do divino. Ele pode ser. Mas ele também pode ser encarado fora disso. Agora, quando você pega um fato miraculoso e você tenta encará-lo fora da sua escala própria, você o está picotando, você está separando aquilo que nele está junto. E, justamente, o que ele tem de específico é que nele estas várias linhas causais estão juntas inseparavelmente, ou seja, você está mutilando o fato e trocando por outro fato da sua própria invenção para o qual daí você busca uma explicação. É claro que este tipo de investigação é irracional na base. Estão compreendendo? Você começa por tirar um fenômeno da sua própria ordem e colocá-lo numa outra ordem, e em seguida buscar causas.

Ora, a aceitação de uma causa divina depende de você ter toda uma estrutura doutrinal teológica pronta. Quando você pega aquele fato e o enquadra dentro de uma doutrina teológica daí você diz que aquele fato teve uma causa sobrenatural, etc, etc, etc... (Foi) causado por Deus assim, assim, assim. Dependendo da religião que você segue, você vai dar uma explicação mais ou menos diferente. Mas, o fato é que a possibilidade mesma de haver as explicações teológicas depende da existência de fatos miraculosos. Não é teologia que vai explicar o fato miraculoso. É o fato miraculoso que explica a possibilidade da teologia, porque é o fato miraculoso que abre a visão humana para a existência de um outro plano de realidade no qual, as conexões que nos são invisíveis, se tornam visíveis. E toda a especulação teológica que você faz aí, não é senão o efeito remoto deste impacto iluminante que o fato miraculoso teve sobre a inteligência humana. Agora, note bem, quando Santo Tomás de Aquino, no fim da vida, diz que, perto das coisas que ele tinha acabado de compreender, tudo o que ele tinha escrito antes era apenas palha, é exatamente isto que ele está querendo dizer. Vocês estão querendo levar a sério, demais, a teologia. Nem mesmo a teologia pode dar uma explicação acerca do fenômeno miraculoso. Por quê? Porque ela, simplesmente, é um efeito residual do fenômeno miraculoso.

É claro que uma filosofia, ou qualquer enfoque científico que se tenha, que exclua da realidade a existência dos fenômenos miraculosos, está mutilando a realidade porque estes existem. E existem numa quantidade assombrosa. Por exemplo, no livro do James Rutz, ele dá ali setenta e dois casos de ressurreição que aconteceram recentemente. Não é o sujeito que estava clinicamente morto. Não, o sujeito estava morto mesmo, no sentido total da coisa e que voltou. Estas coisas acontecem.

Me diga um exemplo de um único método científico que possa estudar isto. Não tem como. Isto é absolutamente inacessível, não ao estado presente dos nossos conhecimentos, mas à idéia mesma de método científico. A não ser que você faça um *up grade* nele, exatamente no sentido que eu estou fazendo. Eu creio que esta abordagem que eu estou dando aqui, ela é uma espécie de transmutação do método científico de modo a permitir que ele aborde estes fatos. A exigência número um é você desistir da explicação causal, porque nenhuma ciência pode dar a explicação causal de um fenômeno que ela não descreveu, e se a descrição já está mutilada ou deficiente, a explicação que você vai ter vai ser mutilada ou deficiente.

Ora, se os fenômenos miraculosos constituem um gênero específico, e este gênero é marcada pela convergência manifesta de várias linhas causais diferentes, que ali aparecem conectadas, para além de toda possibilidade de conexão acessível ao estudo científico, então o que é que o fenômeno miraculoso faz? Ele abre o campo do nosso conhecimento para o campo da percepção de conexões causais que nós não tínhamos percebidos antes. Nenhuma destas conexões causais vai explicar o próprio fenômeno miraculoso, mas vai explicar outra coisa.

O fenômeno miraculoso tem a mesma estrutura do símbolo em geral, com a diferença de que tudo o mais pode ser encarado como símbolo, mas pode ser encarado de outra maneira, mas o fenômeno miraculoso não admite isto, porque ele é, de certo modo, o símbolo fisicamente presente. Aquilo que normalmente nós só percebemos através de símbolos e figuras de linguagem, por exemplo quando lemos a Bíblia, etc., o fenômeno miraculoso está fisicamente

presente. A própria realidade que nos mostra, nos evidencia a sua estrutura simbólica. E o indivíduo que, perante um fenômeno deste, se priva do benefício fecundante que este fenômeno pode exercer sobre a sua inteligência, e ao contrário, quer inverter e quer fazer com que a inteligência que tem no momento possa transformar este fenômeno num objeto e abarcar explicativamente, este sujeito é demasiado burro. Isto não é uma atitude metodologicamente razoável.

Note bem, você não pode encontrar uma explicação científica, por exemplo, para uma peça de Shakespeare. O que você pode fazer é assistir a peça e permitir que, com o seu impacto simbólico, ela fecunde a sua inteligência e você perceba milhões de conexões. Mas isto é uma obra de arte feita pelo ser humano.

Ora, o método admissível no estudo do milagre é mais parecido com este do que com os métodos das ciências naturais. Como é que nós fazemos para entender cientificamente, racionalmente, intelectualmente, uma peça de Shakespeare? Em primeiro lugar, nós temos que deixar que ela nos diga o que ela tem a dizer, você tem que vivenciá-la como se fosse um sonho acordado, um sonho acordado dirigido. Em seguida, você tem que permitir que ela, através da analogia com milhares de outros fatos, fecunde a sua inteligência. E aí você vai entender a peça através do benefício que ela lhe fez, e não tomando-a como objeto. O objeto é que está separado da inteligência, e não aquilo que entrou dentro da inteligência e a fecundou por dentro. Se você for objetivar a peça de Shakespeare, transformá-la num objeto, pouco vai lhe sobrar nas mãos além de uma pilha de papel impresso e você não vai entender absolutamente nada da peça. Com o fenômeno miraculoso, exatamente a mesma coisa. É este o método que tem que ser adotado: você tem que observar, contemplar o fato, na sua presença real e com toda a estrutura que ele lhe mostra. Aí você pode dizer que o conhece. Se você quiser até investigar a causa, você pode. Mas você vai ver que não é necessário, porque ele já diz por si, tudo o que tem que dizer. A causa do fenômeno miraculoso é apenas uma questão de teologia.

Isto significa que o que estou dizendo, quer dizer, que esta investigação metodológica nos leva a uma série de outras conclusões. Aquilo que não tem explicação é o que nós chamamos de mistério. E note bem o que Aristóteles disse sobre ritos de mistérios: *nós não os entendemos e eles não nos transmitem um conhecimento, mas, de certo modo, nos iluminam por dentro e nos tornam, aumentam o poder de nossa inteligência*. Isso significa que o mistério é aquilo que, em si mesmo, não pode ser penetrado explicativamente pela nossa inteligência. Ele não pode ser abarcado pela nossa inteligência, porque ele a abarca e ele a fecunda.

Ora, se não existisse o mistério, se não existisse algo que, em si mesmo, é impenetrável pela nossa inteligência, isso significa que as categorias do nosso pensamento, da nossa ciência, seriam onipotentes. Nós poderíamos penetrar, intelectivamente, tudo que existe, inclusive a infinitude. Dizendo isso, assim, pode parecer bonito, e isso nos tornaria, aparentemente, poderosos, mas acontece que se fosse assim, não haveria distinção entre a realidade e nosso conhecimento. Nós não poderíamos saber, não teríamos idéia do que é a realidade objetiva. A realidade estaria identificada como o nosso conhecimento. Isto quer dizer que, se não existe um limite extremo da inteligência humana, não existe a realidade. A realidade, como presença externa, não depende da nossa inteligência. Só chega ao nosso conhecimento porque a inteligência tem um limite intransponível, não um limite definido pelas nossas possibilidades atuais, mas um limite intrínseco. A ciência do fato concreto integral, não pode existir, porque seria a ciência infinita, e a ciência infinita não pode ser possuída por um ser finito. Isto não é uma deficiência provisória. Esta é uma deficiência, um limite eterno. E é porque existe este limite eterno que nós somos capazes de conhecer uma realidade objetiva. Se não existisse o mistério colocando esta extrema fronteira, que a nossa inteligência não pode penetrar, e eternamente não pode penetrar, nós não saberíamos que existe realidade objetiva e o tempo todo nós estaríamos confundindo entre a realidade e o nosso pensamento. Nós estaríamos vivendo um sonho idealístico gnóstico. E é, por isto mesmo, que o mistério não pode ser penetrado.

Bom, para terminar aqui, eu vou ler para vocês um resuminho que fiz disto, com algumas mensagens que mandei para o *Eric Voegelin Forum*. Como as mensagens são muito curtinhas, eu não pude resumir a coisa direito, mas para vocês que ouviram esta aula, espero que fique mais claro. Depois mando estes textos, a parte que esta em inglês, depois eu traduzo e mando para o Edson para ele distribuir para vocês.

“A definição de um milagre como fato devido a causas sobrenaturais, definição adotada igualmente por aqueles que aceitam, ou não, a existência destes fatos e causas, padece de um vício fundamental: ela pressupõe: ou que conhecemos absolutamente os limites da ordem natural – o que é falso; ou que podemos tomar como limites da natureza os limites da ciência presentemente conhecida, o que resulta em tirar de uma premissa declaradamente convencional conclusões aplicáveis, sem mais, à ordem dos fatos. Esta definição é absolutamente inaceitável, em segundo lugar, porque é impossível sondar as causas de um fato se não sabemos o que este fato é, isto é, se não temos dele uma definição prévia. E definir um fato, tão somente pelas suas causas, sem outros caracteres que o distinga, independentemente de uma explicação causal, é pressupor, com patente absurdidade, que podemos conhecer as causas de algo que nem sabemos o que é. Esta dificuldade só não se torna patente para os debatedores de milagres, porque, do fato tido como miraculoso, selecionam só os aspectos que permitam classificá-lo entre fatos similares, da causa não miraculosa, e em seguida, passam a discutir se este fato, em particular, se diferencia daqueles que acabam de ser declarados seus iguais. Por exemplo, as curas miraculosas são enfocadas como um subconjunto do conjunto curas, cujos elementos são identificados mediante critérios médicos usuais, em seguida procede-se por exclusão eliminado-se os procedimentos médicos e os mecanismos conhecidos de autorremissão e quando essa eliminação se completa, o que se obtém é a apenas a conclusão de que, os fatores ausentes, estavam ausentes. Os adeptos do milagre proclamam, então, que a cura teve causas sobrenaturais. Seus adversários, que teve causas naturais desconhecidas. Esta discussão é tautológica, na sua base mesma, e não posso me

impedir de achar extravagante o fato de que tanto se dediquem à uma atividade que só os podem levar a confirmar, sempre, as suas opiniões anteriores, quaisquer que elas sejam. Se o fato miraculoso é definido, antecipadamente, como pertencentes por seus caracteres intrínsecos à classe dos fatos não miraculosos, só se distinguindo deles pelas causas sobrenaturais, é evidente que estas não poderão ser confirmadas ou impugnadas jamais, de vez que foram, a priori, excluídas do campo de investigação, exceto, na melhor das hipóteses, como resíduos, totalmente inconclusivos, de uma sequência de exclusões que, uma vez admitida a possibilidade teórica de explicações naturais futuras, terá, forçosamente, de prosseguir ad infinitum. Afirmo, taxativamente, que cada fenômeno, até hoje apontado pela Igreja Católica como miraculoso, tem caracteres intrínsecos que permitem distingui-lo como uma classe em separado, independentemente da admissão, ou até da cogitação de causas sobrenaturais, ou de quaisquer outras. Mais ainda, nem haveria razão para investigar a possibilidade de causas naturais, se os fatos miraculosos não fossem um gênero à parte, distinguível empiricamente e inconfundível com outros gêneros. Antes de investigar as causas dos fatos miraculosos é preciso discernir a sua natureza, isto é, aquilo com que faz com que sejam o que são, aquilo que lhes dá a sua unidade e permite reconhecê-los, antes e fora de qualquer investigação das suas causas. É, precisamente, essa unidade que se rompe logo de início, quando se cai naqueles erros de metodologia que acabo de assinalar.”

Agora, aqui três mensagens que foram enviadas ao *Eric Voegelin Forum*, que foram mandadas em inglês, mas vou traduzir o melhor que posso aqui:

“Símbolos religiosos são realidades físicas, dados de experiência, vistos como apontando para mistérios. Mistérios são significados que transcendem o reino da experiência humana. Coisas que não existem ou fatos que não aconteceram, não podem ser símbolos, propriamente ditos, apenas recursos literários inventados para comunicar a experiência humana. Nós podemos experimentar e experienciar um símbolo, mas não o seu significado, o qual só pode ser apreendido por aquela função que Platão chama tímesis (Livro

das Leis, 728e), isto é, a comparação entre um dado atualmente apreendido e a sua qualidade específica, cuja perfeição é somente apreendida virtualmente, como que numa assíntota – uma curva que se aproxima de uma reta, mas nunca chega – e não atualmente. Se não existisse mistério, a totalidade do ser estaria sujeita às leis do pensamento humano e não haveria meio de distinguir entre o pensamento e a realidade. Os mistérios são a única garantia da existência da realidade objetiva e isto é, precisamente, a razão pela qual eles não podem ser contidos dentro dos limites, nem da realidade, nem do pensamento. Se eles pudessem, o universo como um todo e a infinitude mesma, seriam engolfados em um sonho gnóstico. Mistérios não podem ser objetivamente explicados porque se não houvessem mistérios, não haveria nenhum conhecimento objetivo e nenhuma explicação do que quer que fosse.”

Segunda nota:

“A filosofia existe dentro da realidade, mas a realidade existia muito tempo antes da filosofia. Se a filosofia é esclarecimento analítico da realidade, é da mais alta importância filosófica distinguir, por exemplo, se a ressurreição de Cristo é realidade ou filosofia. Se ela é uma realidade, ela é a mais importante realidade de todas. Se ela é filosofia, ela pode ser boa ou má filosofia e, mais ainda, ela pode ser muitas filosofias – tantas quantas os filósofos que pensem a respeito.”

Terceira nota:

“A doutrina, ou doutrinas, da ressurreição surgiu pouco a pouco em resposta às vicissitudes históricas, enquanto o fato da ressurreição aconteceu, ou não aconteceu, antes que houvesse qualquer doutrina a respeito. Se não podemos investigar a ressurreição em si mesma, se podemos fazer tão somente pela intermediação de doutrinas, somos compelidos a aceitar ou a negar o fato conforme a doutrina que nós subscrevemos. Isto é, exatamente, o que Eric Voegelin diria que nós não devemos fazer. Como a ressurreição é um exemplo individual do gênero “milagre”, isto é, fatos que requerem causas sobrenaturais ou transcendentais, acredito que o estudo amplo dos milagres enquanto fatos ou pseudo-fatos deveria ser realizado antes de qualquer possível

entendimento das muitas doutrinas a respeito. Termos como “fundamentalismo” ou “crença” nada tem a ver com esta questão. A “fé” pode ajudar você nesta investigação, mas não pode fornecer uma resposta à questão. Ela ajuda você do mesmo modo que, se você, radicalmente, não acredita que uma mulher o ama, você jamais será capaz de perceber o amor dela como um fato atual, apenas por perceber os seus signos externos, que você sempre pode explicar de outra maneira. Muitas fantasias ideológicas nasceram de algum impedimento interno a apreender o amor, seja humano ou divino. A fé pode prevenir estas dificuldades que nascem desta fonte, mas nunca devemos esquecer que a “fé”, no sentido de acreditar numa doutrina, é um sentido secundário, superposto ao sentido original, que era a experiência real de confiar numa pessoa, uma pessoa muito especial. Ora, se você tivesse esta experiência, não lhe seria exigido que você acreditasse numa doutrina para acreditar em Cristo, mas se você não tem esta experiência, então você só tem duas maneiras de lidar com a presente questão: ou você acredita, ou descrê, da doutrina; ou você tenta investigar os milagres como dados experienciais, falsos ou verdadeiros - precisamente o que estou fazendo.”

Eis aqui um exemplo de estudo dos fenômenos dos milagres. Este estudo é importante, também, para o caso da mente revolucionária, da paralaxe cognitiva, porque nós vamos, com base nisso, nós podemos distinguir o que é que são as profecias, as pseudo-profecias, e isto é importantíssimo para a elucidação da mente revolucionária.

Vamos ver aqui algumas perguntas...

(Pergunta do aluno:) O ser humano é limitado e não consegue apreender todos os fenômenos naturais possíveis. Por que o fato miraculoso não pode ser entendido por um cético como um fato natural desconhecido? Por exemplo, o fato de o Sol nascer todo dia pode ser entendido...

Entendi! Olha, esta pergunta mostra que você não entendeu, exatamente, a minha explicação. Eu estou lhe dizendo que, raciocinar a partir do exemplo de Fátima, o próprio conceito de natural e não natural não tem cabimento nesta discussão. Por

exemplo, qual a conexão entre a “dança do Sol”, curas miraculosas, anúncios da guerra e da revolução e a eclosão da guerra e da revolução no prazo devido? É possível estudar, cientificamente, esta conexão? Resposta: não! Isto não depende do estado atual dos nossos conhecimentos. Não é possível conceber uma ciência que conecte estas coisas pelos métodos científicos admitidos. O método científico não é extensível a este tipo de conexões. Se você pergunta, então, se o fato miraculoso não pode ser encarado como um fato natural de causas desconhecidas, eu digo: pode, mas isso não problema. Você dizer que o fato miraculoso tem causas sobrenaturais ou que ele tem causas naturais desconhecidas é não dizer nada. Em ambos os casos essas afirmações são ocas. Elas não fazem sentido. Por que, o que nós estamos fazendo aqui, é descrever o que é o fenômeno, o fato miraculoso. Agora, o que quer dizer “causas naturais desconhecidas”? Quer dizer que a natureza, definida dentro dos limites que você a conhece agora, ela traz em si a explicação de todas estas conexões? É isto que você está dizendo? Esta frase, filosoficamente, não faz sentido. Você está dizendo que aquilo que se conhece agora, contém a explicação daquilo que você não conhece ainda? O que você quer dizer com isto? Isto é um *flatus vocis*. Não quer dizer nada. Segundo, você está incorrendo no mesmo erro do sujeito que diz que o fato tem explicação sobrenatural. Você está dando explicação causal de um fenômeno cuja descrição você não tem. É a mesma coisa. Como é que vamos fazer uma investigação causal se não sabemos o que é o fenômeno. Mas tão logo descrevemos o fenômeno, tal como ele se apresenta, isto é, usando o método fenomenológico, nós entendemos que ele transcende a possibilidade de explicação, seja explicação natural ou sobrenatural, porque aí você está entrando apenas, de novo, no *flatus vocis*. Se dizer que uma coisa é sobrenatural, é dizer que ela transcende a natureza e quer dizer que você conhece os limites da natureza. Se dizer que tem uma explicação natural, é dizer que se está dentro da natureza e quer dizer que você conhece os limites da natureza. Mas nós não conhecemos isto, absolutamente! Isto não quer dizer nada. Vamos esquecer o natural e o sobrenatural, e vamos nos ater à experiência tal como ela se apresenta, porque boa ciência se faz assim. Não é com conceitos grandes como “natureza” ou

“sobrenatureza”. Não, é com a descrição da estrutura do fato, tal como ela se apresenta. Exatamente o que acabei de dizer.

(Pergunta do aluno:) Poderíamos caracterizar os fatos não miraculosos, como a manifestação do Logos divino, ou de leis naturais, da ordem divina que rege o universo, dos fatos miraculosos são manifestações de Deus Pai na visão Cristã?

Eu creio que sim. Teologicamente, não estaria errado. Mas, eu não sou bom neste negócio de teologia. E, exatamente, estou tentando evitar aqui a abordagem “científica”, entre aspas, e o a abordagem teológica. Eu estou fazendo uma análise filosófica, que é, de fato, a previdência preliminar nestes casos. Você, primeiro, vamos ter que encontrar as distinções que lhe permitam dizer do *que* você está falando. Nós não estamos investigando os “porquês”, as “causas últimas”. Nós estamos dizendo do *que* estamos falando. E qualquer fato miraculoso, admitidos como tal somente aqueles aceitos pela Igreja Católica como fatos miraculosos, você vê que em todos eles você tem uma convergência no próprio fato, não nas suas causas, não nas suas causas remotas. Não é a causa inicial dele, não! O fato consiste na convergência de linhas causais, cuja conexão nós não conhecemos e não podem ser conhecidas. Por isto mesmo, a única maneira certa de definir o fato miraculoso, é com um mistério. Em seguida, eu irei sair desta abordagem epistemológica e passei para uma abordagem ontológica, dizendo que o mistério é o limite da realidade e que, se não existisse esse limite da realidade, nós não seríamos capazes de distinguir entre o nosso pensamento e realidade objetiva, a noção da realidade objetiva não existiria. Não tem sentido, em seguida, você retroagir sobre isto e voltar à discussão de causas naturais ou sobrenaturais.

Eu entendo toda a dificuldade desta aula e desta abordagem - ela é difícil para mim, também. Eu tratei deste assunto brevemente no fim do livro “O crime da Madre Agnes”, que está aí no “A dialética Simbólica”. Esta foi a primeira tentativa. Recentemente eu estive lendo algumas coisas sobre o Padre Pio de Pietrelcina, e isso me impeliu, mais ainda, a fazer este tipo de análise. Esta análise não visa explicar nada, ela visa, simplesmente, dizer do que nós estamos falando, de que o Padre Pio está falando. É simplesmente entender

aquilo que acontece, tal como acontece, sem a pretensão de reduzir à causas, nem naturais, nem sobrenaturais. A questão, propriamente religiosa, não tem nada a ver com isto. Mas isto aqui pode ser útil para a sua vida religiosa, se você quiser. Pode ajudar.

Muito bem, acho que com isso já encerramos a nossa exposição de hoje. Se houver mais alguma pergunta, eu espero aqui.

Note bem que, embora tenha começado isto, e se vê pela data da publicação do livro “O crime da Madre Agnes”, embora tenha começado a investigar a muito tempo, ela não foi uma coisa contínua. Eu não estudo este assunto quando eu quero, eu estudo quando eu posso, quer dizer, quando aparecem dados que, para mim, me elucidam as coisas. E, este estudo, às vezes, ele força a sua inteligência até um ponto em que você perde o fio da meada. Aí você tem que sentar e esperar até que a vida, Deus mesmo, lhe mostre outros aspectos.

Então, eu creio que com isso podemos encerrar a investigação, encerrar esta exposição.

Muito obrigado à todos, e até a próxima.